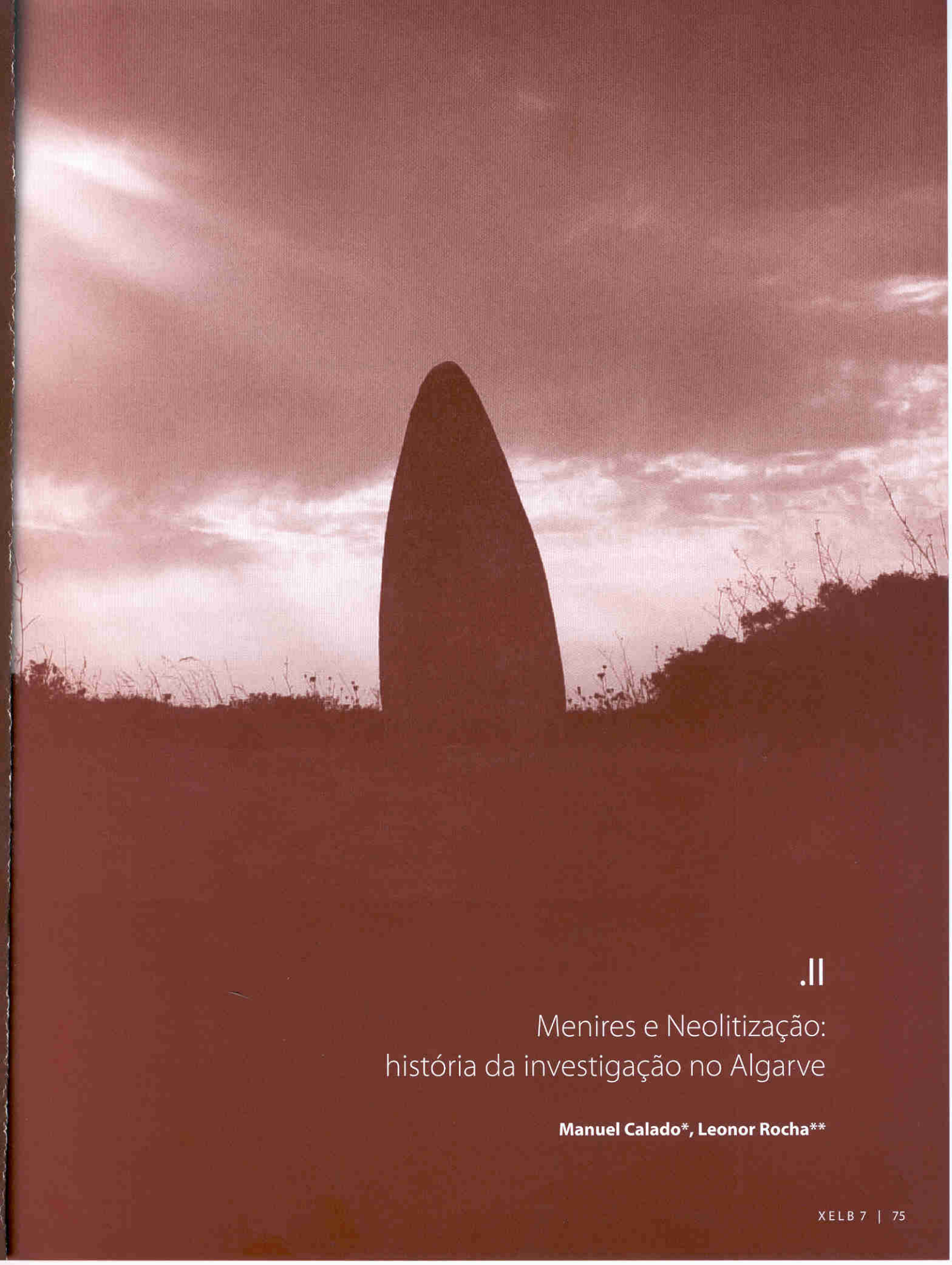


# XELB 7



Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve  
- Percursos de Estácio da Veiga -

(Silves, 24 e 25 de Novembro de 2006)



.||

Menires e Neolitização:  
história da investigação no Algarve

**Manuel Calado\*, Leonor Rocha\*\***

## Resumo

Os menires do Algarve constituem, em diversos aspectos, um conjunto fundamental para o estudo das origens da monumentalidade na Europa atlântica: num tal contexto, destacam-se a antiguidade relativa e as especificidades iconográficas e morfológicas desses inconfundíveis monumentos da Pré-história algarvia.

Este trabalho procura traçar, em linhas gerais, a história da investigação, desde as descobertas de Estácio da Veiga até aos nossos dias, avaliando os diversos contributos, em termos cronológico-culturais e interpretativos.

## Abstract

The menhirs of the Algarve stand, on several aspects, as an unavoidable issue in the study of the origins of the Atlantic European monumentality: in such a context, we underline the relative antiquity and the morphologic and iconographic specificities of those unmistakable monuments of the Prehistory of the Algarve.

This work tries to trace the guidelines of the history of the research, since the discoveries of Estácio da Veiga, until the present, evaluating the diverse contributions, in chronological-cultural and interpretive grounds.

\* Professor da faculdade de Letras, investigador do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); caladomanuel@gmail.com

\*\* Professora da Universidade de Évora, investigadora da UNIARQ; lmtrocha@gmail.com

## Introdução

Os menires são um dos temas mais enigmáticos da pré-história portuguesa: ainda hoje difíceis de datar e de interpretar e, nesses aspectos, objecto de controvérsias frequentemente irredutíveis, estes monumentos tardaram mais de um século a ser identificados no nosso território, se tomarmos como ponto de partida a elaboração da primeira listagem, feita pelo Padre Afonso da Madre de Deus Guerreiro, que, em 1734, contabilizava já um total de 66 monumentos megalíticos (antas), só na área de Évora (Leisner, 1949: 3).

Na verdade, enquanto, noutras áreas megalíticas europeias, os menires chamaram desde cedo a atenção dos antiquários e dos primeiros arqueólogos, entre nós passaram olímpicamente despercebidos e, quando começaram a ser referenciados, foram-no como ocorrências excepcionais ou como elementos complementares dos monumentos funerários.

Poderia esperar-se que, depois de identificados e publicados os primeiros, o cenário tivesse mudado. Mas não: apesar do entusiasmo manifestado por Gabriel Pereira ou por Estácio da Veiga, aquando da publicação dos primeiros exemplares descobertos a Sul do Tejo, a maior parte dos menires hoje conhecidos tiveram que esperar quase outro século para, finalmente, emergirem como um capítulo de pleno direito da pré-história portuguesa.

As causas deste fenómeno devem ser procuradas em diferentes direcções: por um lado, o estado de conservação destes monumentos e a dificuldade efectiva da sua identificação, uma vez tombados; por outro, algum autismo que, na primeira metade do século vinte, afastou a arqueologia portuguesa das suas congéneres europeias; ou então, nas palavras de Pires Gonçalves, as “tendências necrológicas” que segundo ele, se aplicariam ao casal Leisner, mas que, em última análise, seriam de aplicação mais abrangente.

É curiosa, entre outras, a omissão dos menires de

Pavia, nos trabalhos de Vergílio Correia. Com efeito, este investigador delineou e concretizou, pela primeira vez entre nós, um projecto sistemático de estudo do megalitismo, numa área bem delimitada e intensamente prospectada (Correia, 1921). Esquecendo alguns exemplares de menor entidade, entretanto registados (Rocha, 1999; 2005; Calado, 2004), não deixa de ser surpreendente o facto de lhe terem escapado monumentos tão notórios como o menir da Caeira ou os recintos de Vale d’El Rei e das Fontainhas.

Quanto a Manuel Heleno, cujo projecto foi desenhado na sequência do de Vergílio Correia, é célebre o recorde estabelecido (e, hoje em dia, impossível de bater): foram assinaladas e escavadas cerca de 300 sepulturas megalíticas, de diversos tipos e estados de conservação e apenas foram feitas referências a dois ou três menires e, mesmo esses, de pequeno porte e/ou algo duvidosos. É certo que, na área explorada pelo antigo director do MNAE, ainda hoje, após a revisão no terreno que foi entretanto efectuada (Rocha, 2005), os menires estão praticamente ausentes.

Na verdade, a omissão mais aberrante diz respeito ao trabalho do casal alemão Georg e Vera Leisner (1956, 1959): estes arqueólogos visitaram e registaram largas centenas de antas, muitas delas nas imediações de menires, mesmo depois de terem escavado, ainda no início dos anos quarenta, um monumento funerário (Vale de Rodrigo 1), associado a um grande menir, tombado na periferia da respectiva mamoa.

Apesar de tudo, foram eles quem descobriu e publicou o primeiro recinto megalítico, o monumento de Vale d’El Rei; porém, as modestas dimensões dos menires e do próprio recinto e o desconhecimento, nessa época, de qualquer paralelo credível, levaram os descobridores a desvalorizar a sua descoberta e a apresentá-la, em apêndice, num capítulo em que descrevem outros monumentos, igualmente extravagantes, em relação ao tema da obra (as sepulturas megalíticas).

Por ironia, caberia a arqueólogos amadores (sobretudo Henrique Leonor Pina e José Pires Gonçalves) o privilégio da descoberta e publicação dos mais relevantes monumentos meníricos da Península, abrindo, finalmente, o dossier deste fenómeno que, a partir dos anos setenta, iria transbordar, de forma notável, para o Algarve.

## 2. Os pioneiros, ou a Idade do Ouro...

Estácio da Veiga foi um dos nomes mais notáveis da arqueologia decimonónica em Portugal. A sua obra, recentemente reeditada em *fac-simile*, é um marco do pensamento arqueológico dessa época e os dados que recolheu são um testemunho fundamental em diversos temas da arqueologia do Algarve, nomeadamente os menires.

À época de Estácio, contavam-se pelos dedos de uma mão os menires conhecidos em Portugal. A Sul do Tejo, apenas o menir de Vale de Besteiros, ou da Garducha, em Évora (Pereira, 1880), tinha sido publicado como tal. Na sua obra, porém, Estácio da Veiga não fez nenhuma referência à descoberta de Gabriel Pereira.

Mas, por outro lado, é indiscutível que o arqueólogo algarvio estava perfeitamente a par dos dados disponíveis, por essa altura, noutras áreas da Europa, em parte devido ao seu interesse pela cartografia arqueológica (note-se que Estácio participou nos esforços internacio-

nais para normalizar metodologias, nessa matéria).

Segundo referiu, essas pedras, eram “vulgares e numerosas em varios paizes da Europa” e, mais especificamente, “em França, onde tudo se estuda, estão contados mil seiscentos e trinta e oito *menhirs*, distribuídos por oitenta departamentos, sendo o maior d’entre todos o de Locmariaquer, no Morbihan, actualmente prostrado e feito em três pedaços, o que não impede de se conhecer que, inteiro, media 24 metros de comprimento e 4 de espessura, sendo o seu enorme peso avaliado em 250:000 kilogramas” (Veiga, 1886: 88).

Das suas leituras, ele sabia também que, em França, essas “pedras isoladas” eram “atribuídas ao periodo neolítico e ás primeiras idades dos metaes” (Veiga, 1886:88). Porém, em vez de optar pela primeira alternativa, a interpretação de Estácio da Veiga era a de que o “valor ornamental” dos menires que identificou parecia “excluí-los do periodo neolithico” (Veiga, 1886:89).

Este argumento, de teor evolucionista perfeitamente deslocado, faz-nos recordar as reacções mais ou



Fig. 1 - Menir 1 do Padrão (Vila do Bispo)

menos generalizadas quando, pela primeira vez, um de nós (MC) defendeu uma cronologia do Neolítico antigo para os menires portugueses (Calado, 1990; 1993), numa altura em que o modelo vigente os considerava, sem contestação, um produto do Neolítico Final. O raciocínio implicado era agora o de que as sociedades do Neolítico antigo não dispunham de recursos demográficos e económicos, nem estrutura social adequada à construção de monumentos tão grandiosos como é, nomeadamente, o recinto dos Almendres.

Sobre as questões funcionais, Estácio refere que “o sr. de Mortillet considera-os (...) campos commemorativos, em que cada pedra representasse uma acção notável, **um indivíduo**, uma data. É porém possível, alargando ainda mais a liberdade da conjectura, que fossem, com preferência às outras hypotheses, campos de combate, e que cada pedra servisse de abrigo a um combatente contra o ataque dos inimigos (...)” (Veiga, 1886: 89-90)”. Esta proposta algo descabida acabou por diluir aquilo que era, nas alternativas de Mortillet, a leitura que viria a ter, nos nossos dias, mais sequência: o carácter antropomórfico dos menires.

Para além da referida proposta que, apesar de original, não teve obviamente seguidores, Estácio da Veiga aceitou, como viáveis, leituras mais convencionais, nomeadamente a de que os menires “serviriam (...) de **demarcação de um determinado território (...)?**” (Veiga, 1891: 235)

Alvitrou, ainda, que se poderia tratar de “campos de reunião pública, em que se tratavam os assuntos mais graves e se procedia à eleição dos chefes (...) ou em que se praticavam solenidades religiosas” (Veiga, 1891, I: 89). Esta dimensão político-religiosa dos menires mantém igualmente, pelo menos para certos monumentos, alguma actualidade.

É interessante constatar que, poucos anos antes, também Gabriel Pereira afirmava que “o *menhir* é vulgar n`outras partes” acrescentando que devia “considerar-se raro na península”, concluindo que “o povo que ergueu os dolmens e que n`outras partes ao mesmo tempo fez os alinhamentos (...), os cromelechs, aqui na península limitou-se ao dólmen” (Pereira, 1880: 254).

Apesar deste enunciado geral, para o arqueólogo eborense, “...a pedra da Garducha” era um verdadeiro

*menhir*, um megalitho erguido pelo homem dos dolmens”, embora, na sua opinião, se tratasse de um caso “excepcional no occidente da península, único representante d`essa especie...” (Pereira, 1880: 255)

Assim se foi construindo, com base nas evidências, mas também na ausência delas, o conhecimento arqueológico.

A propósito desse menir, destruído pouco antes da sua descoberta científica, por “pesquisadores de tesouros”, Gabriel Pereira mostrou-se indignado por “...ver destruído pela ignorância um monumento, um padrão, pela falsa e damninha mania que taes pedras indicam, escondem ou guardam thesouros; ver o pedregulho enorme que por quantos séculos? Se conservara ali aureolado pela lenda, assim derrubado, brutalmente quebrado”, concluindo: “entristeceu-me; parecia-me um assassinato, um crime, uma cousa vil, tola, inútil.” (Pereira, 1880: 254).

Excessos de imaginação e romantismo aparte, os finais do século XIX foram uma época fundadora para o estudo dos menires em Portugal. Estávamos longe ainda de possuir dados para uma avaliação da intensidade diferencial do fenómeno, em termos regionais. A noção de que, no que diz respeito aos menires, o Alentejo e o Algarve representam as mais importantes regiões megalíticas, à escala peninsular, só viria a ganhar consistência passado cerca de um século.

### 3. A Idade das Trevas

Depois de Estácio da Veiga, e até aos anos sessenta do século XX, são escassas e quase irrelevantes as publicações sobre os menires portugueses. No Algarve, seguindo a tónica geral, essa letargia só viria efectivamente a ser agitada, já nos inícios dos anos setenta.

Trata-se, sem dúvida, de um período globalmente pobre, na investigação arqueológica portuguesa, em que o monopólio centralista de Manuel Heleno, contrabalançado pela contestação, sobretudo a Norte, do grupo encabeçado por Mendes Corrêa, asfixiou, com poucas excepções, tudo o que não caía directamente sob a sua alçada. E, como referimos, o investimento de Manuel Heleno, em termos de megalitismo, incidiu sobre um território que, aparentemente, não poderia estimular o

estudo dos menires, simplesmente por não os possuir.

Georg e Vera Leisner foram, praticamente, os únicos investigadores que, em contracorrente, tiveram oportunidade de fazer um *"by pass"* a esse cenário totalitário, produzindo, durante o "reinado" de Manuel Heleno, um trabalho brilhante, cuja actualidade se mantém, em diversos aspectos; infelizmente, como vimos, os menires não beneficiaram, de todo, desse esforço monumental.

Para além de, durante quase um século, terem sido muito escassos os novos contributos para o tema dos menires, também as atribuições cronológicas, assim como as interpretações funcionais não acrescentaram, fosse o que fosse, às propostas avançadas pelos pioneiros oitocentistas.

Manteve-se, dentro de uma margem de incerteza razoável, a convicção de que, na generalidade, se tratava de monumentos genericamente contemporâneos, e funcionalmente subsidiários, das antas.

No caso do menir de Vale de Rodrigo, o modelo interpretativo, mais ou menos expresso, assentava, basicamente, na ideia de que se tratava de um "marco indicador" da estrutura funerária; essa leitura tinha como principal fonte de inspiração aquele que foi, provavelmente, o primeiro menir conhecido em Portugal, o menir de Luzim, que se localiza nas imediações de uma mamoa, sugerindo "haver uma certa relação entre estes monumentos megalíticos e práticas rituais funerárias" (Aguiar e Júnior, 1940: 216).

O suposto papel memorialista dos menires foi, mais uma vez, defendido, agora com base na interpretação de um texto de Aristóteles, segundo o qual os "iberos ou hispanos elevavam em volta do túmulo tantos monólitos como os inimigos mortos pelo indivíduo nele sepultado. É importantíssima esta passagem por ser a mais antiga referência aos menires e cromeleques (IV século A. C.) e por indicar o motivo de erecção de alguns, pelo menos. Os grandes alinhamentos comemorariam grandes batalhas." (Alves, 1934: 557-558).

#### 4. Os anos sessenta: *baby boom*

O grande salto em frente ocorreu, efectivamente, só após a descoberta do chamado "cromeleque dos

Almendres". Esse acontecimento notável despoletou, nos anos que se seguiram e, sobretudo, na década de setenta, um novo élan: primeiro, no Alentejo, com a descoberta do recinto da Portela de Mogos (ainda hoje o segundo maior da Península) e alguns menires isolados, de que se destaca, pelas dimensões, o menir da Meada (Barata, 1965).

No Algarve, já nos anos setenta, foram sobretudo os trabalhos de Mário Varela Gomes e Jorge Pinho Monteiro que criaram a imagem global de que hoje dispomos; depois desse avanço, ao longo dos anos oitenta e noventa, o ritmo abrandou, pelo menos no que diz respeito à descoberta de novos menires e, sobretudo, em termos de avanços conceptuais.

De facto, uma charneira decisiva no estudo destes monumentos, em Portugal, foi a escavação e publicação do povoado dito "com menires" da Caramujeira. A análise dos dados então disponíveis suscitou aos autores a hipótese, apresentada inicialmente com algumas precauções, de "algures pela segunda metade do IV milénio [ter havido] (...) uma segunda ocupação, durante a qual se praticaram rituais que levaram à construção e erecção de menires" (Gomes, Monteiro e Serrão, 1978: 49).

A cronologia do Neolítico final manter-se-ia durante toda a década seguinte, sem qualquer tipo de contestação, ganhando, pelo contrário, foros de verdade científica, tanto mais que alguns dados entretanto obtidos (Gomes, 1986) pareciam reforçar essa tese. No final dos anos oitenta, os menires eram vistos como "(...) testemunhos do megalitismo do Sul de Portugal, da ideologia, da superstrutura religiosa e da capacidade técnica das comunidades (...) [do] Neolítico final, na segunda metade do IV milénio a.C. e prolongando-se pela primeira metade do III milénio a.C." (Gomes e Silva, 1989: 20).

Convém recordar que, durante todo esse período, foram negligenciados os resultados da escavação da anta da Granja de S. Pedro, no concelho de Idanha-a-Nova. Os respectivos escavadores escreveram, de forma peremptória, que "... não pode haver dúvida que [os menires] são **mais antigos** que a construção do monumento, pois já lá estavam cravados no terreno quando fizeram a grande construção sepulcral e ficaram depois incluídos na enorme mamoa que tudo cobriu" (Almeida, Veiga Ferreira, 1971:168)

Quanto ao significado, tornou-se, nessa altura, lugar-comum a ideia de que os menires eram, basicamente, símbolos fálicos.

Essa leitura, relacionada com supostos cultos de fertilidade/fecundidade, teve em J. Pires Gonçalves, um dos defensores mais convictos, apoiado prioritariamente na forma sugestiva do menir do Outeiro (Reguengos de Monsaraz), com uma depressão no topo, interpretada como a representação do meato (Gonçalves, 1970), tal como, aliás, na Anta da Granja de S. Pedro, “o menir maior e melhor conservado apresenta (...), na parte superior, a gravação, bem nítida, da glande de um pénis” (Almeida e Ferreira, 1971: 166).

Esta suposta marcação da glande é, aliás, uma característica muito frequente nos menires algarvios; porém, se se optar pela leitura antropomórfica, esse detalhe anatómico pode, obviamente, ser interpretada como a representação esquemática da cabeça.

Leonor Pina, revelando, nesse contexto, uma maior clarividência, opinou, por sua vez, que “os menires menores, (...) cuja intenção parece antropomórfica, (...) mais sugerem o culto de antepassados ou de divindades”. Porém, para não destoar, sugeriu que, em certos casos, como o do menir dos Perdigões, a “forma notoriamente fálica” (...) suscitaria “a ideia mágica de fecundidade” (Pina, 1971: 159).

A obsessão pela conotação sexual dos menires parece, hoje em dia, ter regredido. Contudo, ainda no final dos anos oitenta, os menires algarvios eram interpretados nesse registo: “simbólica feminina (triângulos, mamilos, ondulados, cadeias de elipses), sobre suportes cujas formas são, muitas das vezes, claramente fálicas” (Gomes e Silva, 1987: 19), perspectiva que, noutra quadro teórico, se voltou a manifestar, em anos muito recentes (D. Calado, 2000a; D. Calado et al, 2003b).

É curioso que, noutras áreas megalíticas europeias (e não só), o falimorfismo dos menires é um conceito residual; na verdade, a interpretação actualmente mais consensual privilegia o carácter antropomórfico desses monumentos (Bénéteau, 2000; Bradley, 2006; Bueno, 1995; Bueno e Balbín, 1998; Gonçalves et al., 1997).

Entre muitos outros argumentos (Calado, 2004), destaca-se a própria contextualização cronológico-cultural dos menires: de facto, a representação da figura

humana, por um lado, e o esquematismo que os menires, a serem antropomórficos, teriam levado até quase aos limites, são ingredientes fundamentais da chamada “revolução” neolítica e ambos são recorrentes na arte rupestre dessa mesma época (Cauvin, 1999).

Por outro lado, se um menir isolado pode, sem grande dificuldade, corresponder a uma representação fálica, um recinto ou um alinhamento encaixam menos bem nesse modelo.

O próprio desenvolvimento da estatuária, na arte europeia, traduzido nas chamadas estátuas-menires, nas estelas antropomórficas e outras variantes que surgiram, entre o Neolítico e a Idade do Ferro, um pouco por todo o lado, sugere que os menires poderão ter sido o respectivo ponto de partida (Caubet, 2002).

Outra linha interpretativa que mantém alguma actualidade foi inspirada nos trabalhos de história das religiões desenvolvidos por Mircea Eliade; neste contexto, os menires seriam sobretudo símbolos destinados a organizar ritualmente o espaço, aspecto perfeitamente compatível com as sociedades em vias de sedentarização que as cronologias actualmente em uso implicam.

Foi também nessa altura que surgiram as primeiras tentativas de análise arqueoastronómica, fortemente influenciadas pela literatura anglo-saxónica (da Silva, 2000; Gomes, 1986).

## 5. O resto do 2º milénio

Os anos oitenta do século XX poucas novidades trouxeram no campo da investigação dos menires. Uma primeira reavaliação dos dados disponíveis, levou um de nós (MC), em 1990, a defender uma anterioridade genérica dos menires, em relação às antas, e, consequentemente, a admitir a eventual contemporaneidade entre os menires e a ocupação do Neolítico antigo, na Caramujeira (Calado, 1990; 1993).

Em 1994, Mário Varela Gomes, num interessante exercício de auto-crítica, e dispondo já de uma datação para um contexto relacionável com os menires do Padrão, em Vila do Bispo, afirmava taxativamente que “o surgimento dos menires (...) coincide com as origens de tal período [Neolítico], nos inícios do VI milénio a.C.” (Gomes, 1994: 339).



Essa posição foi posteriormente reafirmada, embora com algumas hesitações de percurso; assumiu, nessa altura a “fragilidade do modelo anteriormente aceite (...) que atribuía, embora ferido de dúvidas, os menires algarvios ao Neolítico final. Os casos de Alcalar e Pedra Escorregadia onde aqueles monólitos são reutilizados como material de construção, só por si quase que invalidariam tal proposta” (Gomes, 1994: 331).

Sobre o povoado anexo ao recinto megalítico de Cuncos, o mesmo autor referiu-se, nesse mesmo trabalho, a “uma ocupação mais antiga com cerâmicas do Neolítico antigo” (Gomes, 1994: 327), embora, na publicação dos dados da escavação do mesmo sítio, tenha apenas feito referência aos materiais do Neolítico final/Calcolítico (Gomes, 1986).

Quanto ao menir de Vale de Rodrigo, cuja associação com o monumento funerário tinha sido um dos argumentos estruturantes da cronologia tardoneolítica, proposta nos anos setenta, passou, em 1997, a ser “pré-existente em relação ao sepulcro a que foi associado no Neolítico final/Calcolítico inicial, confirmando os perigos da linearidade de raciocínios quando, por vezes, se tomam por um todo realidades de origens diversas, unidas por determinada conjuntura” (Gomes, 1997: 178)

Também nessa altura, foi a vez da própria escavação da Caramujeira ser objecto de revisão. Surpreendentemente, verificamos agora que “um dos pequenos menires da Caramujeira (m19) foi descoberto assente num pavimento de argila e coberto por camada arqueológica a que correspondiam (...) materiais datáveis do Neolítico antigo” (Gomes, 1997: 175); ficamos, porém, sem compreender por que razão essa informação tinha sido omitida, uma vez que, só por si, ela contrariaria a atribuição dos menires ao Neolítico final.

Por outro lado, nos menires do Padrão, “a camada arqueológica C2 (...) datada pelo C14 [5480-5242 cal. AC; 5580-5350 cal. AC] cobria as fossas de implantação dos dois menires, pelo que concluímos serem dela coevos” (Gomes, 1997: 176)

Na verdade, a confirmarem-se, tanto na Caramujeira como no Padrão, essas posições estratigráficas, a única leitura correcta parece ser, naturalmente, a de que os menires seriam anteriores à formação das referidas camadas.

Note-se, por fim, que a recolha, na escavação do

povoado de Vale Pincel 1, em Sines, de um pequeno menir (ou betilo), sobreposto por uma lareira do Neolítico antigo (C. T. da Silva, inf. pessoal) sugere, também, uma anterioridade, maior ou menor, entre a erecção do monólito e a utilização da lareira.

Esta possível anterioridade, para além de se conjugar melhor com o carácter ritual dos menires que, noutras áreas, não costumam estar associados a vestígios consistentes de habitat, permite, pelo menos teoricamente, valorizar alguns dados novos, entretanto surgidos.

## 5. Nos alvares do III milénio

Com efeito, nos últimos anos, os menires do Algarve foram sujeitos a uma revisão drástica, com base em novas evidências cronológicas: a escavação do sítio da Quinta da Queimada (Odiáxere, Lagos), permitiu, segundo os autores da escavação, obter datações OSL, a partir de amostras coligidas dentro do alvéolo, aparentemente selado, de um menir. Essas datações apontam para um intervalo entre 7983 e 6203 AC, com 95.4% de probabilidades (Bateman, 2002; D. Calado *et al.* 2003a, 2003b).

Porém, apesar de cronologias tão recuadas, esses autores têm vindo a manter o conceito de “povoados com menires”, admitindo, na linha de trabalhos anteriores, a contemporaneidade entre os dois tipos de ocorrências.

Por outro lado, como vimos, apesar de serem interpretados como representações de um sistema linhagístico regional e, nesse sentido, parecer mais adequado um referente antropomórfico, os menires são vistos como “esculturas expressivas de falos, com clara delineação da glande”; os motivos icónicos são, por sua vez, traduzidos como “atributos sexuais femininos: seios femininos (*Mama*), vulvas com um ou mais dos lábios abertos (*Vulva B*), vulvas com os lábios exteriores fechados (*Vulva A*) e padrões ondulados (*Onda*) (D. Calado *et al.*, 2003b: 4)

O carácter mais inovador desta abordagem centra-se, no entanto, na valorização do papel das comunidades anteriores à chegada do “pacote neolítico”, na génese do megalitismo, e na eventual dinâmica interna



Fig. 2 - Os possíveis bâculos gravados no menir de (Museu de Silves)

destas comunidades, no sentido da complexificação social, num contexto pré-agropastoril, em que o meio natural começaria a ser intensamente manipulado (D. Calado et al, 2003b).

As inusitadas cronologias obtidas por OSL, na Quinta da Queimada, aguardam, por enquanto, confirmação noutros sítios e por outros métodos. Se admitirmos, ao contrário da opinião defendida pelos respectivos autores, que pode existir no processo algum factor de erro que não tenha sido controlado, permanece, mesmo assim, a alta possibilidade de os menires serem efectivamente anteriores aos povoados com cerâmicas impressas em que sistematicamente se enquadram. A maior dúvida será, por enquanto, o valor dessa provável décalage.

Note-se que os dados recentes da escavação, no Alentejo Central, do recinto das Fontainhas (Calado, Rocha e Alvim, e.p.), vieram reforçar a atribuição dos

menires ao Neolítico antigo: com efeito, para além das cerâmicas decoradas e das indústrias microlaminares (incluindo geométricos), associadas espacialmente aos menires, os alvéolos melhor conservados tinham incorporado, nas estruturas de sustentação, um número surpreendente de elementos de mós manuais, cuja cronologia neolítica nos parece a mais adequada. De destacar, porém, a presença, nas imediações do recinto, de um sítio (Barroca 1), com provável ocupação mesolítica.

A imagem global, ainda provisória, remete para uma maior ou menor anterioridade dos menires algarvios, em relação às restantes áreas peninsulares e, eventualmente, europeias, sendo certo que alguma segregação cronológica permitiria, efectivamente, enquadrar as especificidades morfológicas e iconográficas dos menires algarvios.

De facto, neste último aspecto, os menires algarvios

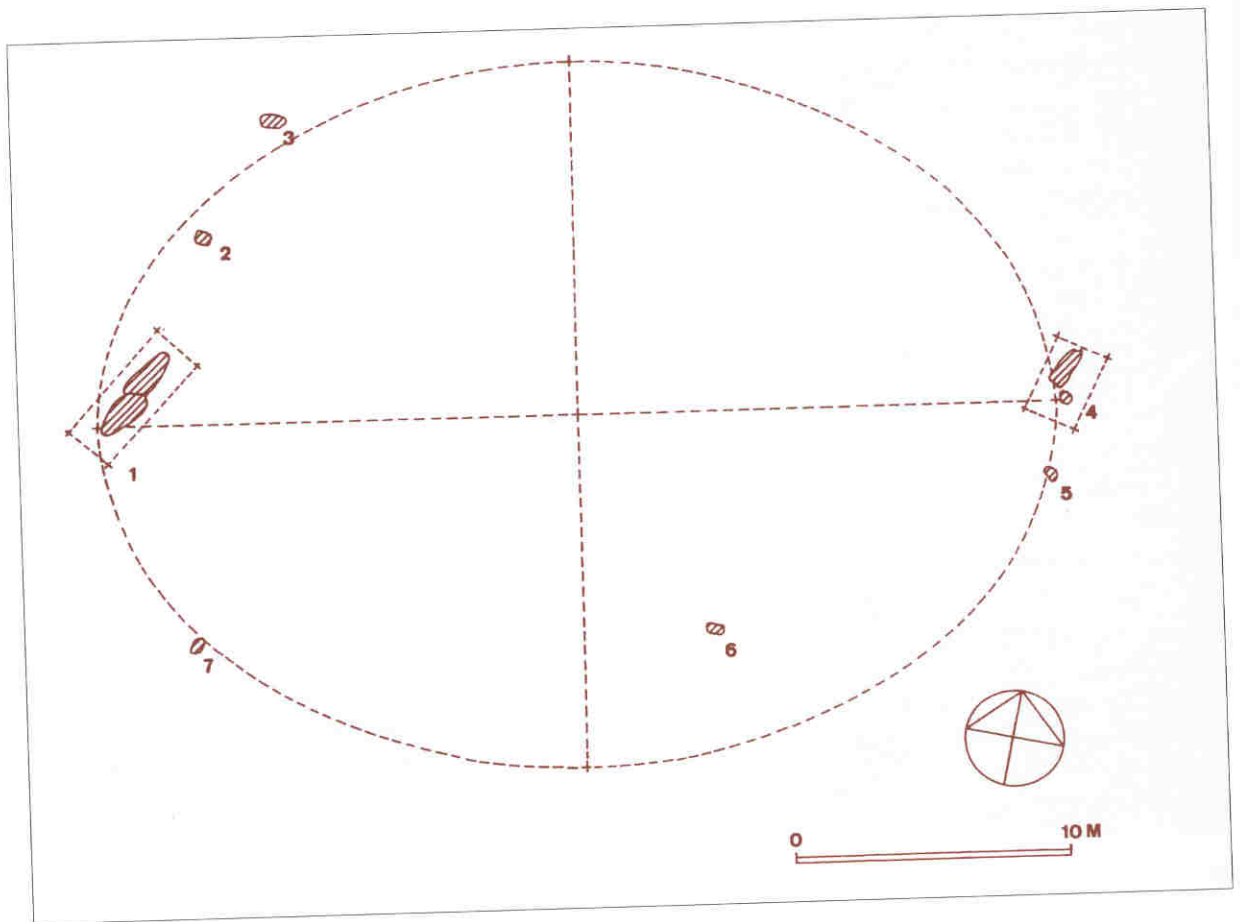


Fig. 3 - Reconstituição do possível recinto do Monte dos Amantes (Seg. Gomes, 1996)

apresentam, genericamente, uma notável personalidade; apenas num menir, actualmente exposto no Museu de Silves (Fig. 2) aparecem gravados dois possíveis báculos, o tema mais frequente no Alentejo Central. O carácter aparentemente marginal destes motivos, no campo iconográfico do menir, sugere, por outro lado, uma possível posterioridade em relação ao motivo central.

Note-se que a semelhança, em diversos capítulos, entre os menires alentejanos e bretões (Cassen et al., 2000; Calado, 2002; 2004) não se aplica, com igual pertinência, aos menires algarvios e estes, mesmo considerando apenas as datas radiocarbónicas do Padrão (Gomes, 1994), com valores próximos de meados do VI milénio a.C., são, por ora, os que apontam para cronologias mais altas.

Considerando os resultados dos estudos levados a

cabo, nos últimos anos, sobre as orientações astronómicas dos menires alentejanos (Alvim, 2004; Alvim, 2006; da Silva e Calado, 2003a, 2003b), é natural que, também no Algarve, tenha havido esse tipo de comportamento ritual. Neste aspecto, porém, são sobretudo de esperar orientações entre os diferentes sítios e deles com aspectos notórios do horizonte, uma vez que, em termos arquitectónicos, não se conhece nenhum conjunto bem conservado; de facto, mesmo no caso dos menires do Monte dos Amantes (Fig. 3), os dados disponíveis parecem qualitativa e quantitativamente insuficientes.

É possível, porém, que certos contextos tafonOMICAMENTE favoráveis, como parece ser o caso da Quinta da Queimada (D. Calado et al., 2003) possam, uma vez escavados, abrir, finalmente, o terreno a este tipo de abordagens.

Por último, tendo em conta a tremenda pressão

urbanística sobre a maior parte das áreas com menires, no Algarve, é indispensável proceder, quanto antes, a prospecções intensivas, como as que têm sido efectuadas, por João Velhinho, no concelho de Vila do Bispo (Velhinho, 2005) ou David Calado, na área de Bensafrim (D. Calado, 2000a). Trata-se, em de todo o caso, de resgatar o que resta de um património notável que, pela sua originalidade e provável antiguidade, lhe permitem atribuir um estatuto fundamental no contexto da génese da monumentalidade neolítica europeia.

## Bibliografia

- AGUIAR, J;** Santos Júnior, J. (1940) – O menhir de Luzim (Penafiel). *Actas do I Congresso do Mundo Português*. Lisboa. vol. I, p. 209-217.
- ALMEIDA, F;** Ferreira, O.V. (1971) – Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa, I, p. 163-168.
- ALVES, P.e F. M.** (1934) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Porto, Tomo IX.
- ALVIM, P.** (1996-97) – Sobre alguns vestígios de paleoastronomia no cromeleque dos Almendres. *A Cidade de Évora*. Évora: C.M. Évora, II-2, p. 5-23.
- ALVIM, P.** (2004) - Recintos megalíticos da região da serra de Monfurado e os «Cabeços do Meio-Mundo»: monumentos, paisagem e cultura no Neolítico alentejano. In CALADO, M. (ed) - *Sinais de Pedra. Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- ALVIM, P.** (2006) - Menires, paisagem, paisagens. Os Almendres e a Serra de Monfurado. <http://www.crookscape.org/textset2006/text09.html>
- BARATA, J.P.,** (1965) - O menir da Meada. *Ethnos*. Lisboa. IV, p. 139-140.
- BENETEAU, G.** (2000) – *Les alignements de menhirs du Sud de la Vendée*. Toulouse: Éditions Anthropologica.
- BUENO RAMIREZ, P.** (1995) – Megalitismo, estatuas y estelas en España. *Notizie Archeologiche Bergomensi*. Bergamo, 3, p.77-129
- BUENO RAMIREZ, P;** Balbín Behrmann (1998) – Novedades en la estatuaria antropomorfa megalítica española. *Actes du 2<sup>ème</sup> Colloque International sur la statuaire mégalithique*. Archéologie en Languedoc, 22, p.43-60.
- CALADO, D.** (2000a) – Menhires y Poblados. Interfluvial Bensafrim-Odiáxere, Lagos – Portugal. (ed. policopiada).
- CALADO, D.** (2000b) – Poblados com menhires del extremo SW Peninsular. Notas para su cronología y economía. Una aproximación cuantitativa. *Revista Atlántica-Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social*, III, p. 47-97.
- CALADO, D;** Nieto, J.M; Nocete, F. (2003) – Quinta da Queimada, Lagos, Portugal. Datação do momento de erecção de um monumento megalítico através de luminescência óptica de cristais de quartzo (OSL). *V Congresso Ibérico de Arqueometria. Libro de Resúmenes de Actas*. Puerto de Santa María – Cádiz, p. 167-168.
- CALADO, D;** Nocete, F.; Nieto, J.M; Martín-socas, D; Camalich, M.D. (2003) – Menhirs, Symbols and the Genesis of Political Complexity in SW Atlantic Europe (7 th and 6 th millenniums BC). In CALADO, M. (Ed.) – *Sinais de Pedra. Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre (Évora, 2003)*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- CALADO, M.** (1990) – Aspectos do Megalitismo Alentejano. Comunicação apresentada às IV Jornadas da Associação de Arqueólogos Portugueses. *O Giraldo* (Julho e Agosto). Évora.
- CALADO, M.** (1993) – Menires, alinhamentos e cromelechs. In MEDINA, J. (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. 1, p. 294-301.
- CALADO, M.** (1997a) – Vale Maria do Meio e as paisagens culturais do Neolítico Alentejano. In Sarantopoulos, P. (Ed.) – *Paisagens arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: C.M. Évora, p. 41-51.
- CALADO, M.** (1997b) – Cromlechs alentejanos e arte megalítica. *Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítico*. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico, p.289-297.
- CALADO, M.** (2000a) – Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial. *Actas do 3<sup>o</sup> Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Adecap, p. 35-45.
- CALADO, M.** (2000b) – O recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo). *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Monsaraz, 1996)*. Lisboa: IPA, p. 167-182.

- CALADO, M.** (2002d) – Standing Stones and Natural Outcrops. The role of ritual monuments in the Neolithic transition of the Central Alentejo. In SCARRE, C. – *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. London: Routledge, p. 17-35. (<http://www.crookscape.org/textjan2005/text.html>).
- CALADO, M.** (2003) – Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal (Montemor-o-Novo). *Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, p. 351-369.
- CALADO, M.** (2004) – Menires do Alentejo Central. Génes e Evolução da Paisagem Megalítica Regional. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese fotocopiada). (<http://www.crookscape.org/tesemc/Vol1.pdf>).
- CALADO, M.** (2006) – Les menhirs de la Péninsule Ibérique/The menhirs of the Iberian Peninsula. *Actes du Colloque International "Origines et développement du mégalitisme de l'ouest de l'Europe"* (Bougon, 2002), p. 613-635. <http://www.crookscape.org/textdez2006/text10.html>
- CALADO, M.; ROCHA, L.; ALVIM, P.** (n.p.) – Neolitização e megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*.
- CARVALHO, A. F.** (2002) – Current perspectives on the transition from the Mesolithic to the Neolithic in Portugal. In BADAL, E.; BERNABEU, J.; MARTÍ, B. (eds) – *El paisaje ene l Neolítico mediterráneo* (Sagunrum, Extra 5). Valencia: Univesidad de Valencia, p. 235-250.
- CORREIA, V.** (1921) – *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Memoria 27).
- DINIZ, M.; CALADO, M.** (1997) – O povoado neolítico da Valada do Mato (Évora, Portugal) e as origens do megalitismo alentejano. In BALBÍN, R.; BUENO, P. – *Actas do II Congreso de Arqueologia Peninsular. TII – Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, p. 23-32.
- CASSEN, S.; BOUJOT, C.; VAQUERO-LASTRES, J.** (2000) – *Éléments d'architecture. Exploration d'un tertre funéraire à Lannec er Gadouer (Erdeven, Morbihan). Constructions et reconstructions dans le Néolithique morbihonnais. Propositions pour une lecture symbolique*. Chauvigny: Association des Publications Chauvignaises.
- CAUBET, A.** (2002) – Naissance de la grande statuaire dans l'Orient ancien. In PHILIPPON, A. (dir.) – *Statues-menhirs, des énigmes de pierre venues du fond des ages*. Rodez: Éditions du Rouergue, p. 224-239.
- CAUVIN, J.** (1999) – The Symbolic Foundations of the Neolithic Revolution in the Near East. In KUIJT, I. (Ed.) – *Life in Neolithic Farming Communities*. New York: Kluwer Academic, p. 235-261.
- DA SILVA, C. M.** (2000) – "Sobre o possível significado astronómico do cromeleque dos Almendres". *A Cidade de Évora*, II 4, Évora: CME, p. 109-127.
- DA SILVA, C. M., CALADO, M.,** 2003a, New Astronomically Significant Directions of Megalithic Monumentos in the Central Alentejo. *Journal of Iberian Archaeology* 5, p. 67-88.
- DA SILVA, C. M., CALADO, M.,** 2003b, Monumentos Megalíticos Lunares no Alentejo Central. In Calado, M. (ed.), *Sinais da Pedra. Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*, Évora: Fundação Eugénio de Almeida (CD-ROM).
- DA SILVA, C. M.,** 2004, The Spring Full Moon. *Journal for the History of Astronomy* XXXV, p. 475 -478.
- GOMES, M.V.** (1986) – O cromeleque da Herdade de Cuncos (Montemor-o-Novo, Évora). *Almansor*. 4, p. 7-42.
- GOMES, M.V.** (1994a) – Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português – trabalhos recentes e estado da questão. *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*. Viseu, p. 317-342.
- GOMES, M.V.** (1994b) – O sepulcro colectivo de Pedra Escorregadia (Vila do Bispo, Faro) – Notícia da escavação de 1991. *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: A.A.P., p. 79-91.
- GOMES, M.V.** (1996) – Megalitismo do Barlavento Algarvio – Breve Síntese. *Setúbal Arqueológica*. 11-12, p. 147-190.
- GOMES, M.V.; CABRITA, L.M.** (1997) – Dois novos povoados neolíticos, com menires, no Barlavento Algarvio. *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Setúbal Arqueológica*, XI-XII, p. 191-198.
- GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P.; SERRÃO, E.C.** (1978) – A estação pré-histórica da Caramujeira. Trabalhos de 1975-76. *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: A.A.P., p. 35-72.

- GOMES, M.V.; SILVA, C.T.** (1987) – *Levantamento Arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*. Faro: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, J.P.** (1970) – Menires de Monsaraz. *Arqueologia e História*. [s.l.]. IX s.: II, p. 157-176.
- GONÇALVES, J.P.; GOMES, M.V.; GOMES, R.V.; SANTOS, M.F.** (1983) – Os menires da Pedra Longa (Montemor-o-Novo, Évora). *Arqueologia e História*.
- GONÇALVES, V.S.; BALBÍN-BEHRMANN, R.; BUENO-RAMIREZ, P.** (1997) – A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*, A Coruña, 10, p. 235-254.
- HOCK, M.; KALB, Ph.** (1995) - Investigação geológica na zona megalítica de Vale de Rodrigo, Évora. *Actas da 3ª Reunião do Quaternário Ibérico*. Coimbra, p. 459-474.
- KALB, P.** (1996) – Megalithic transport and territorial markers. Evidence from Vale de Rodrigo, Évora, South of Portugal. *Antiquity*. 70, 269, p. 683-685.
- LEISNER, G.** (1944) – *O Dólmen de Falsa Cúpula de Vale Rodrigo*, Coimbra, Biblos, Tomo XX.
- LEISNER, G.** (1948) – Antas dos arredores de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora.6 (15-16), p.3-40.
- LEISNER, G.** (1949) – Antas dos arredores de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora.6 (17-18), p.499-528.
- LEISNER, G. e V.** (1951) – A Anta das Cabeças. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. I.
- LEISNER, G. e V.** (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed. 1985).
- LEISNER, G. e V.** (1953) – Contribuição para o estudo das antas portuguesas. A região de Montargil. Concelho de Ponte de Sor. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 2, série 2, p. 227-256.
- LEISNER, G. e V.** (1955) – *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança-Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G. e V.** (1956) – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (1)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G. e V.** (1959) – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (2)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- OLIVEIRA, C.; DA SILVA, C.M.** (2006) - Moon Spring and Large Stones. Landscape and Ritual Calendar perception and symbolization. [http://www.crookscape.org/textmsls2006/n\\_00moonspring.html](http://www.crookscape.org/textmsls2006/n_00moonspring.html)
- OLIVEIRA, J.; OLIVEIRA, C.** (1999-2000) – Menires do Distrito de Portalegre. *Ibn Maruán*. 9/10, p. 147-180.
- PEREIRA G.** (1880) – Antiquidades Prehistóricas. Dolmens d'Évora. *O Universo Ilustrado*. Lisboa.4 (32), p.252-255.
- PINA, H. L.** (1976) – Cromlechs und Menhire bei Évora in Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 17, p. 9-20.
- PINA, H.L.** (1969) – Arqueologia e pré-história. *Carta Geológica de Portugal, na escala 1-50000. Notícia explicativa da folha 40-A – Évora*. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal, p.22-23.
- PINA, H.L.** (1971) – Novos monumentos megalíticos do Distrito de Évora. *Actas do II CNAF*. Coimbra. VI, p. 151-161.
- ROCHA, L.** (1997) – Os menires de Pavia, Mora (Portugal). *II Congreso Peninsular de Arqueologia*. Zamora: [s.n.]. II, p. 221-228
- ROCHA, L.** (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L.** (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento policopiada
- SILVA, F.; SILVA, A.** (1994) – Menires de Alvarenga e da serra da Freita (Arouca, Aveiro). Breve notícia. *V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa, p.109-123.
- SOARES, J.; SILVA, C.T.** (2000) – Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In Gonçalves, V.S. (ed.) *Muitas Antas, Pouca Gente?- Actas do Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, 117-134.
- VEIGA, E.** (1886) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa : Imprensa Nacional. I.
- VEIGA, E.** (1887) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa : Imprensa Nacional, II.
- VEIGA, E.** (1889) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa : Imprensa Nacional. III
- VEIGA, E.** (1891) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa : Imprensa Nacional. IV.
- VELHINHO, J.** (2005) – *Menires de Vila do Bispo*. Vila do Bispo: Associação de Defesa do Património de Vila do Bispo.
- VICENTE, E.P.; MARTINS, A.S.** (1979) – Menires de Portugal. *Ethnos*. Lisboa. 8, p. 107-138.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V.; REYNOLDS de SOUSA,**

H; NORTH, C.T; LEITÃO, M. (1977a) – Nouvelles découvertes de Cromlechs et de Menhirs au Portugal. *CSGP*. Lisboa. LXI, p. 63-73.